

O DESAFIO DA AVALIAÇÃO QUALITATIVA

Ana Cristina Silva Daxenberger¹; Poliana Raquel de Lima Almeida²

(Universidade Federal da Paraíba; ana.daxenberger@gmail.com)

Falar de avaliação em uma concepção inovadora e preocupada com as questões qualitativas da aprendizagem do educando, nos faz retomar as nossas experiências enquanto docentes na educação básica, com populações que sofreram a exclusão escolar em algum momento em suas vidas. Estas memórias nos veem a cabeça, por entender que a educação é um direito de todos e deveria ser oferecida qualitativamente nas escolas e pensar em avaliação é entender que ela é primordial para a materialização do direito à educação.

Bem, propor um debate sobre avaliação qualitativa nos remete à necessidade de compreender o papel social da educação, do professor enquanto profissional da educação, e às reais necessidades dos educandos na contemporaneidade e sujeito de direito à educação. Tanto na educação infantil, como no ensino fundamental e/ou na educação de jovens e adultos – para aqueles que se preocupam com o processo educativo na práxis dialética – é necessário um olhar para além das notas, menções ou parâmetros quantitativos; pois falamos de sujeitos em processo de formação que almejam na escola, uma possibilidade interativa de aprender e compreender melhor o mundo e suas mudanças. Por isso, ao se pensar em avaliação precisamos ressignificar o conceito e a concepção de avaliação da aprendizagem para além dos pressupostos cartesianos que a escola tem se pautado nos últimos três séculos de história da educação.

Pensar em avaliação qualitativa exige romper com as amarras da avaliação cartesiana, em que identifica o erro como um objeto para punição, violência e castigos. Na atualidade, não falo de castigos físicos como ocorriam na escola e reforçados pela família; até porque estes castigos, hoje, são criminosos e passíveis de punição civil. Falo da violência simbólica que muitas vezes se encontra velada no cotidiano escolar, por falas tácitas de valores morais, de quantificação do saber e de valorização do ter ao invés de ser e de saber conviver socialmente.

A avaliação da aprendizagem, a qual propomos está pautada nos princípios de entender o processo educativo dialético entre professor-aluno-mundo. Essa dialética deve se centrar nas perguntas-chave que estejam fundamentados no Projeto Político Pedagógico da escola e as quais devem fazer parte do cotidiano do professor no seu fazer docente: Quem é o meu educando? Que homem queremos formar? Que conhecimentos pretendemos ensinar? Quais são as práticas educativas que podemos desenvolver? Como avaliamos nossos alunos? Para que serve a avaliação da aprendizagem? Por que certos professores utilizam

¹ Doutora pela UNESP e Mestra pela UMEP. Professora Doutora do Departamento de Ciências Sociais e Fundamentais do Centro de Ciências Agrárias da UFPB, pesquisadora na área de inclusão social e Membro do Grupo de Pesquisa CNPq Educação, Inclusão Social e Sustentabilidade da UFPB. Assessora do Comitê de Inclusão e Acessibilidade da UFPB. Membro do Neabi/UFPB.

² Membro do grupo de Pesquisa Educação, Desenvolvimento Rural sustentável e inclusão Social

determinadas formas e instrumentos de avaliação? Como desenvolver práticas mais democráticas e inclusivas?

Não temos a pretensão de responder a todas estas perguntas por meio deste ensaio, mas quero suscitar um debate sobre o que entendemos sobre ensinar e aprender, sobre avaliar e sobre avaliar qualitativamente. Pensar em avaliar qualitativamente é um processo que requer esforço pedagógico e social do professor, pois ele deverá aprender a refazer e a superar as práticas de avaliação, que muitas vezes ele mesmo vivenciou como educando. Avaliar qualitativamente significa entender que o sujeito em formação (o educando) é um ser social com sonhos, desejos, perspectivas, esperanças e formado no sabor das interveniências das relações sociais. O educando é um ser *complexus* que se encontra em um dos mais importantes centros de concentração de complexidade humana: a escola.

A complexidade humana é uma essência da condição de ser humano e a escola precisa entender que não pode mais equalizar a aprendizagem como se todos fossem iguais e tivessem o mesmo ritmo de aprendizagem. E por este motivo não podemos compreender mais a avaliação como um ato pedagógico desvinculado do processo de aprendizagem, como historicamente se constituiu, se limitando a promover ou a reter e a quantificar o conhecimento. A avaliação da aprendizagem respeitando a complexidade humana e reconhecendo a diversidade no cotidiano escolar aponta para um caminho sem volta na compreensão das diferentes possibilidades de aprender competências e habilidades que a escola pode oferecer.

Mas, que competências e habilidades nós esperamos que nossos educandos adquiram? Esta pergunta já foi apresentada no início de nossa escrita quando apontamos os questionamentos fundantes que devem nortear o projeto político da escola. Os educandos estão na escola em busca de conhecimento que possam ajudá-los a compreender o mundo e a si mesmo e são sujeitos únicos que aprendem e tem caminhos diferentes para aprender. Sendo assim, posso dizer que o primeiro dos desafios para se construir práticas de avaliação qualitativa é compreender quem é meu aluno, sua maneira de aprender e seus canais de aprendizagem para então alternar práticas didáticas que valorizem todos os diferentes canais de aprendizagem e ritmos de trabalho. Depois disto, pensar e elaborar ações e objetivos/metass para serem alcançadas individualmente e/ou coletivamente a partir da avaliação diagnóstica e registrar todos os avanços e dificuldades do educando; pois assim terei dados significativos para afirmar o que meu educando aprendeu.

A diagnose, em sua essência etimológica, significa conhecer através de instrumentos, em que constatamos e qualificamos dados para tomarmos uma decisão. A palavra decisão (decisão) em sânscrito significa romper/cortar, ou seja, romper com aquilo que não queremos e tomarmos uma atitude para avançar na busca do que queremos. Sendo assim a avaliação diagnóstica tem por elemento primordial a constatação, a qualificação e a tomada de atitudes para facilitar o processo aprendizagem do educando.

Neste contexto, o verbo avaliar significa estimar, apreciar, examinar, implicando em coleta de informações sobre um determinado objeto e atribuir valor ou qualidade ao mesmo. Sendo assim, a avaliação qualitativa é mais do que comparação entre o objeto e um determinado padrão previamente estabelecido como parâmetro, formulando um juízo de valor, o qual a escola tem entendido como o único meio de avaliar. Na prática a escola tem feito muitas verificações e não avaliações da aprendizagem, as quais têm servido para criar pequenas hierarquias e classificar os alunos em aprovados ou reprovados, em bons ou ruins.

Acreditar na avaliação qualitativa significa que a avaliação não se esgota nela mesma; significa

que como educadores devemos intervir, agir, corrigir os rumos de nosso trabalho para facilitar o caminho de nossos educandos na construção do conhecimento. E é com esta preocupação que identificamos o terceiro desafio da avaliação qualitativa: que instrumentos devemos usar para constatar e qualificarmos as informações e/ou dados sobre aprendizagem de nossos educandos? Bem, isto vai depender dos objetivos e metas a serem avaliados. Ou seja, se queremos avaliar o que e como nossos educandos aprendem, não poderemos esquecer que eles são *complexus* e singulares. Ou seja, se tem um aluno que ainda não tem uma escrita ortográfica não posso compará-lo com outro que já escreve textos ortográficos e com sequência textual utilizando-se de normas gramaticais, e os possíveis estímulos que estes sujeitos possam ter. Eles são sujeitos diferentes, únicos e em fases diferentes da aprendizagem, que exigem objetivos avaliativos diferenciais para que possamos promover práticas pedagógicas às reais necessidades dos educandos e atingir à excelência da aprendizagem.

Qualificar as informações sobre o que os educandos sabem e como aprendem, nos possibilita a planejar ações e a utilizar recursos que promovam a qualificação do conhecimento a ser construído nas relações de ensino e aprendizagem. Sendo assim, podemos concluir que o ato de avaliar qualitativamente pressupõe diagnosticar e decidir em função de um objetivo. O primeiro (diagnóse) focaliza-se no aluno e o segundo (decidir pedagogicamente) focaliza-se na ação do professor.

Por isso, podemos concluir que ao se pensar em avaliação da aprendizagem em uma perspectiva inovadora e qualitativa, nunca posso desvincular os resultados de um olhar crítico sobre o próprio fazer pedagógico e que este está associado ao ato político de ser professor. E que tipo de professor eu quero ser na contemporaneidade? Bem esta é uma outra questão para debate que exige reflexão sobre nosso papel social na busca de materialização do direito à educação!

Referências

CUNHA, Antonio Geraldo. **Dicionário etimológico**. São Paulo: Lexikon, 2010.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação Mediadora**. São Paulo: Mediação, 2004.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 2011.

MORIN, E. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**, São Paulo: Cortez, 2001.